

## **Casas de madeira da Vila Operária em Maringá e seus moradores<sup>1</sup>**

Célia Regina MARTINEZ<sup>2</sup>

Luiz Carlos BULLA JR<sup>3</sup>

Faculdade Maringá, Maringá, PR

### **RESUMO:**

Este trabalho tem como objetivo fazer um registro histórico das moradias de madeira existentes no bairro Vila Operária de Maringá. A intenção foi mostrar a arquitetura da época, o perfil dos moradores e verificar como a verticalização tem avançado na extinção das casas de madeira. Essas residências foram às primeiras moradias construídas na cidade pelos pioneiros dentro do plano urbanístico de 1947. A Vila Operária alojou funcionários da Companhia Melhoramentos Norte do Paraná e das indústrias instaladas no parque industrial da região. Boa parte dos primeiros moradores do bairro era constituída por nordestinos, furadores de poço e mais tarde imigrantes portugueses, italianos e japoneses. Esses pioneiros influenciaram na arquitetura das casas e no comércio local. O registro fotográfico das unidades que resistiram ao tempo, foi uma forma de documentar as casas para futuras pesquisas.

**PALAVRAS CHAVE:** casas; madeira; vila operaria.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XX Prêmio Expocom 2013, na Categoria jornalismo, modalidade produção em fotojornalismo.

<sup>2</sup> Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo, email: crmartinez@hotmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: contato@bullajr.com.br.

## **1 INTRODUÇÃO**

Fundada em 1947, a Vila Operária nasceu para alojar trabalhadores da zona industrial de Maringá. O bairro foi projetado pelo engenheiro Jorge Macedo Vieira com áreas para comércio, residências e indústrias. Os 309 lotes foram vendidos pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP) para os trabalhadores que vinham de várias regiões do país e uma minoria estrangeira.

Os carpinteiros nordestinos foram fundamentais para as construções das casas em madeira da época. A abundância de árvores, em grande parte a peroba, e o método rápido e barato de construir fez com que os moradores facilmente cumprissem uma das exigências da CMNP, construir empreendimentos nos lotes adquiridos.

A partir da década de 80, as mudanças nesse cenário começaram acontecer. As casas de madeira começam a dar lugar a um processo de verticalização do bairro para atender o número de habitantes que se constituíam na cidade. Os pioneiros vivenciaram grande parte dessas mudanças estruturais e sociais. Muitas casas ainda preservam a arquitetura original.

De acordo com um levantamento da prefeitura de Maringá, em 1995 existiam 694 casas de madeira. Em 2009, foram registradas no estudo do jornalista Jorge Mariano Marcondes Filho cerca de 500 habitações espalhadas pelo bairro.

O registro das moradias que resistiram ao tempo é uma forma de documentar o que restou do início do desenvolvimento de Maringá. A Vila Operária que um dia foi periferia que abrigava a massa popular, hoje faz parte da região central da cidade e tem se transformado em um novo cenário urbano como resultado do desenvolvimento.

Não há como não considerar as casas de madeira como um patrimônio histórico de Maringá que no embalo do progresso estão sendo extintas para dar lugar a condomínios verticais. Com a boa localização, próxima ao centro da cidade, a Vila Operária está no alvo das construtoras e investidores do ramo imobiliário para construção de novos arranha céus.

Construídas em terrenos largos, que variam de 300 a 600 metros quadrados, as casas de madeira vêm sendo demolidas. Com isso, num futuro não muito distante, elas podem se tornar endereços raros na cidade. Se as empreendedoras seguirem o ritmo do mercado para atender a demanda, não vai ser difícil prever uma mudança rápida na característica urbana da Vila Operária.

## **2 OBJETIVO**

A pesquisa tem como objetivo documentar através de fotografias a arquitetura das moradias de madeira. E também observar o perfil social e econômico dos moradores. Demonstrar as mudanças no cenário urbanístico do bairro. E mais precisamente mostrar a beleza das construções dos anos 40, 50 e 60 em Maringá. Com a intenção de promover uma conscientização sobre a importância de preservar a memória da Vila Operária. Observando ainda, que as casas de madeira estão perdendo espaço para o desenvolvimento e a verticalização da cidade, levando parte da sua história consigo.

### **3 JUSTIFICATIVA**

A pesquisa justifica-se pela necessidade do registro das casas da Vila Operária como preservação da história de um dos mais antigos bairros da cidade. O trabalho poderá servir como fonte de consultas de veículos de comunicação no interesse de resgatar momentos da história de Maringá. Além disso, oferecer material para pesquisas nas mais diferentes áreas de estudo sobre o modelo de arquitetura, a civilização, as mudanças nas características do bairro e na história desde o período de fundação da cidade.

Tendo em vista o crescimento acelerado de Maringá com a implantação de novos bairros nas regiões periféricas e o grande número de construções de condomínios verticais nas regiões centrais, o trabalho verificou que os 309 lotes vendidos pela Companhia sofreram inúmeras mudanças nos últimos 50 anos. Conforme os registros das mais variadas casas, foi possível observar que o bairro tem sofrido muitas transformações.

### **4 METODOLOGIA**

O trabalho foi realizado por meio de História Oral, utilizando-se de testemunhas para auxiliar no processo fotográfico. VOLDMAN (apud 1987, pg. 257) explica que essas fontes são extremamente importantes no processo de resgate histórico, e explica que o discurso destes soa mais alto do que os estereótipos de figuras sociais.

Fazemos o mesmo tipo de história com cada tipo de testemunhas?  
Tomemos o caso do grupo que construiu no decorrer dos anos, com ou sem a ajuda de qualquer suporte associativo, uma história específica que ele reconhece como sua própria memória (VOLDMAN, 1987, pg. 257).

Durante a pesquisa, ao logo de dois meses, foram realizadas oito visitas ao bairro. Os moradores a partir dos princípios da História Oral, a qual busca o resgate histórico na análise de sua própria realidade, participaram da construção do foto documentário. O equipamento utilizado foi uma câmera Canon T 2i.

A fotografia foi utilizada como instrumento de registro e documentação histórica. Fundamentado nas teorias de Boris Kossoy e Philippe Dubois, os

quais compreendem o ato fotográfico como forma de registro, memória e documentação de um determinado contexto social, cultural e geográfico.

Com base nas ideias discutidas entre os autores, as visitas ao local e registros, e elementos surpresa, que também enriqueceram a pesquisa, desenvolveu-se a produção deste trabalho.

## **5 FOTOGRAFIA COMO REGISTRO E MEMÓRIA**

Com a Revolução Industrial, o desenvolvimento das ciências e tecnologias, houve um processo de transformação econômica, social e cultural que se iniciou na Europa e se estendeu para o resto do mundo. Naturalmente novas invenções chegaram para facilitar o trabalho e a convivência nos mais diferentes setores da sociedade, que cada vez mais necessitava de melhores condições de vida nas cidades.

Nesse contexto, a fotografia foi uma das invenções de instrumento de apoio a pesquisa da ciência e também como expressão artística. Desde, então, a forma de ver o mundo se tornou dinâmica. A partir do fato de “congelar” em um pedaço do papel fragmentos de um tempo, tornou-se possível enxergar o passado de forma, até então, inimaginável.

A pintura era o único meio de retratar paisagens, pessoas ou qualquer cena do cotidiano. Muitos dos primeiros fotógrafos eram pintores, assim algumas características típicas da segunda metade do século 19, foram transferidas a nova técnica.

Em meados da década de 50, a fotografia conseguiu, com avanços químicos e ópticos, o registro de tal forma que não havia sido atingido pela pintura. A partir da década de 60, a fotografia ganhou enorme aceitação, o que propiciou o surgimento de verdadeiros impérios industriais e comerciais. Para KOSSOY (2001),

O mundo tornou-se de certa forma “familiar” após o advento da fotografia; o homem passou a ter um conhecimento mais preciso e amplo de outras realidades que lhe eram, até aquele momento, transmitidas unicamente pela tradição escrita, verbal e pictórica (KOSSOY, 2001, pg.26).

No século XX, a fotografia foi instrumento para testemunhar fatos, de documentação e denúncias graças à condição técnica de registro do aparente e das aparências. Desde 1840 quando as imagens começaram a ser produzidas, a fotografia tem preservado a memória visual de inúmeros fragmentos, dos cenários, personagens e das transformações do mundo. Cada imagem se tornou documento histórico.

Tratar a fotografia como documento no Brasil tornou-se mais comum a partir dos anos 90. Estudiosos da história social e dos mais diferentes gêneros da história e pesquisa passaram a considerar a imagem como documentos insubstituíveis e fonte de análise. As imagens trazem informações visuais para recuperação de fatos do passado e oferece condições de decifrar e interpretar um determinado contexto histórico.

Com a capacidade de registrar aspectos do real, a fotografia assume o papel definitivo de testemunho da verdade. Seja qual for o conteúdo das imagens é possível considerá-las como fontes de investigação histórica. Os fragmentos quase sempre precisam ser pensados e analisados conforme o contexto social e o período em que o registro foi feito. Segundo KOSSOY (2009 pg.22), “a fotografia tem uma realidade própria que não necessariamente corresponde a realidade que envolveu o assunto, objeto do registro, no contexto da vida passada. Trata-se da realidade do documento, da representação: uma segunda realidade, construída, codificada, sedutora em sua montagem, em sua estética, de forma alguma ingênua, inocente, mas que é, todavia, o elo material do tempo e espaço representado, pista decisiva para o desvendarmos o passado”

Nesse sentido, a imagem como fonte de pesquisa é um desafio o interlocutor decodificar os elementos de um determinado momento do registro. Como objeto de pesquisa, é de fundamental importância ter a fotografia como outra fonte de informação de sentidos ambíguos e que precisam ser analisados com atenção.

Segundo KOSSOY, três elementos são essenciais para a realização de uma fotografia: o assunto, o fotógrafo e a tecnologia (2001),

O produto final, a fotografia, é, portanto resultante da ação do homem, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo, o fotógrafo, que em determinado espaço e tempo optou por um assunto em especial e que, para seu devido registro, empregou os recursos oferecidos pela tecnologia (KOSSOY, 2001, pg.37).

O ato do registro é o momento em que o fotógrafo escolhe o cenário e determina como será contextualizado os elementos que traduzem o período histórico como; momento econômico, social, político, religioso, estético entre outros. A imagem é resultado da percepção, sensibilidade, objetivo e ideologias empregadas pelo fotógrafo no instante do registro. É um processo de criação que exige a seleção do assunto, equipamento, quadro, momento e ambiente para materialização de uma cena. Para KOSSOY (2009 pg.31), “a relação documento/representação é indissociável”.

Neste trabalho, o registro das imagens foi feito mediante uma interação amistosa com os moradores do bairro. Com base nos diálogos estabelecidos, o processo de criação andou lado a lado com a realidade vivida por eles e as transformações atuais. As cenas foram trabalhadas para mostrarem as transformações ocorridas no cenário daquela região.

Segundo KOSSOY, a fotografia funciona em nossas mentes como uma espécie de passado preservado. É um momento congelado contra a marcha do tempo (KOSSOY 2009, pg. 136 e 137) Nesse sentido, o desafio deste trabalho foi mergulhar na história do bairro e dos moradores para construção das imagens como mecanismo de reconstituição histórica.

Para DUBOIS (2007), foto a imagem fotográfica é portadora de um valor absoluto, ou pelo geral, seja por semelhança. O autor considera a foto uma representação do signo com seu referente

E tal concepção distingue-se claramente das duas precedentes principalmente pelo fato de ela implicar que a imagem indiciária é dotada de um valor todo singular ou particular, pois determinado unicamente por seu referente e só por este: traço de um real (DUBOIS, 2007, Pg.45).

## **5.1 A Mudança no Cenário**

Na fundação de Maringá, na década de 40, a cidade foi dividida em zonas. Naquelas onde houve o maior número de vendas, foi também onde mais se construiu. No início da década de 50, a Zona três estava entre os três bairros que apresentava maior número de construções. 90% das casas eram de madeira.

Estava consolidada a Vila Operária. Juntamente com a fundação de Maringá, iniciou-se a ocupação do bairro. Dos 309 lotes da Operária vendidos pela Companhia em 1947, boa parte foi ocupada por pessoas que decidiram estabelecer residência no local.

De acordo com LEAL (2002, pg. 52) "aos poucos uma nova paisagem social e material vai se formando, dando vez a uma era diferente mas que conserva resquícios do período embrionário, numa convivência rica de detalhes e contraposições".

Ainda segundo LEAL (2002, pg. 52), "as mutações físicas são mais perceptíveis a partir de 1980, com a intensificação das demolições de prédios de madeira e o aparecimento de mais casas de tijolos". A partir desse momento, dá início ao processo de

verticalização da Operária, o que resultou em contrastes urbanos muito visíveis no cenário do bairro.

A população do local era composta por pessoas das principais regiões do país como: São Paulo, Minas Gerais, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Norte e Nordeste e uma minoria estrangeira como: japoneses, portugueses, espanhóis e italianos.

Foi nesta época que Euzira Benacci Bergamaschi, 87, chegou ao bairro com o Marido e os quatro filhos em 1960. Dona Euzira recorda a dificuldade que passou para conquistar sua casa na cidade.

O meu marido comprou o terreno em 48 pagamentos da Companhia Melhoramentos. Ele trabalhava puxando compra do mercado para as casas usando uma carroça. Foi uma época difícil, tinha muito mato aqui e buracos bem grandes na frente da casa por causa da erosão e a gente tinha que atravessar com uma tábu. Quando chovia era só barro e quando estava vinha a poeira (BERGAMASCHI, moradora).

Hoje a aposentada tem boa saúde e não pensava em se mudar do bairro até conviver a com a construção de um prédio do lado esquerdo da casa e por causa dos transtornos da obra e a perda de privacidade já pensou em vender a casa construída pelo marido há 52 anos.

Assim como a pioneira, outros moradores se sentem incomodados com o canteiro de obras cercado a casa. Yone Sampaio Marcolino, 53, mudou-se para uma das casas de madeira do bairro em 1990. O vizinho ao lado vendeu a propriedade para uma construtora para construção de um edifício. Ela recebeu 6 propostas de compra da casa de empresa de construção e civil

Eu não queria sair da minha casa porque gosto daqui, mas como o vizinho vendeu eu fui forçada a vender também para não ficar ilhada entre os prédios. Foi uma decisão difícil, afinal eu construí uma vida aqui. Passei bons e maus momentos nesta casa (MARCOLINO, moradora)

Conforme uma avaliação da área, as construções dos prédios se concentram nas quadras localizadas ao redor do Parque do Ingá. Cerca de 10 condomínios residenciais estão sendo construídos.

Para a confeitadeira Norma Scramin 77, que chegou aqui há 42 anos, uma proposta de uma construtora veio a calhar. Ela trocou os 600 metros quadrados que fica

bem perto da Reserva por 3 apartamentos. No lugar, ela tem três casas construídas nos anos 50, que vão ser demolidas para a construção de um edifício.

A oferta foi boa porque vou deixar os três filhos abrigados. Cada um vai ter uma casa e assim fico tranquila. A gente tem que se render ao progresso porque já chegou aqui. Pra quê esse monte de casa vieira? Além disso, o meu vizinho também pretende vender então pra não ficar entre os prédios preferi vender (SCRAMIN, moradora)

Já o casal Alice Rocaglia Ortega, 73, e Walter Sanches Ortega, 74, disseram que não vendem o imóvel por nada. Em menos de um ano eles recusaram oito propostas de empreiteiras diferentes. Eles chegaram no bairro em 1975 quando compraram o terreno de 560 metros de um pioneiro.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início do desenvolvimento deste fotodocumentário percebi que o trabalho poderia trazer uma grande contribuição como fonte de pesquisa e tornar uma referência futura de uma história rica de sentimentos, informações e cultura. A vida daqueles que contribuíram arduamente para fundação e desenvolvimento de Maringá: os pioneiros.

Fazer o registro das casas de madeira da Vila Operária e seus moradores foi um privilégio, pois possibilitou conhecer como originou um dos bairros mais antigos da cidade e como vivem as pessoas que ali ainda preservam suas histórias desde o período da colonização da cidade.

Durante as oito visitas a Vila Operária, conheci pioneiros que desde a fundação do bairro ainda permanecem nas casas de madeira construídas por eles. Em outras situações, encontrei filhos e netos que ainda preservam as construções antigas e outros que se renderam ao avanço do progresso e negociaram as propriedades para empresas do ramo imobiliário.

Tendo em vista que o objetivo procurou retratar as casas de madeira como patrimônio histórico de Maringá e como estão sendo demolidas para dar lugar a prédios residenciais, a pesquisa confirmou uma das hipóteses de que o bairro está sofrendo uma grande transformação por causa da especulação do mercado imobiliário.

O número de unidades que ainda restam, cerca de 500, a cada ano vão diminuindo. Com as construções de prédios residenciais, muitos moradores têm ficado

ilhados entre os edifícios e sentem forçados a vender os imóveis para ter melhor qualidade de vida. Ao conversar com várias famílias que estão ali há mais de cinco décadas foi possível entender o quanto elas valorizam aquele pedaço de chão e quanto se sentem pressionadas a mudar o curso da história.

Assim, o fato de documentar aquele cenário como forma de reconstituição histórica para se tornar fonte de pesquisa a gerações futuras considero uma forma de valorizar e preservar a memória de um verdadeiro patrimônio que aos poucos, com o tempo, tem se perdido. Ao abrirem as portas de suas casas para as lentes da câmera, os moradores de certa forma se sentiam valorizados. A sensação era de que o documentário fotográfico registrava ali os valores, as marcas, o passado de uma geração que ficaram esquecidas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo, Papirus. 2001

FILHO, Jorge Mariano Ferraz Marcondes. **Vila Operária: Fragmentos da história de Maringá**. Maringá : CESUMAR, 2009;

GROSSI, Yonne de Souza. **Mina de Morro Velho: a extração do homem, uma história de experiência operária**. São Paulo, Paz e Terra, 1981.

LEAL, João Laércio Lopes. **Memória dos Bairros – Vila Operária**. Maringá: 2002

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2ª. ed. Ver. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica**. 4ª Edição, Ateliê Editorial. São Paulo: 2009

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. São Paulo. Papirus. 2009.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico**. São Paulo, Papirus. 2001.

VOLDMAN, Daniele. **A invenção do depoimento oral**, in FERREIRA Marieta, AMADO, Janaína, Usos & abusos da História Oral. FGV 4ª ed. 2001.